



F C P F

magazine

EDIÇÃO 75 | OUTUBRO 2022

FC PAÇOS DE FERREIRA



C.S. MARTINHO

JORNADA 11 | 28 OUT 2022 | 20:15

EDITORIAL

NÚMERO 75 - OUTUBRO 2022

TEXTOS:

Sara Alves

FOTOS:

Telmo Mendes

design:

Liff

impresso:

PaçoPrint

tiragem:

1000

distribuição:

Gratuita

TAMBÉM PODES LER A FCPF MAGAZINE ONLINE:



segue o paços



FC PAÇOS DE FERREIRA
RUA DO ESTÁDIO, 95
4590-571, PAÇOS DE FERREIRA

MARKETING@FCPF.PT

WWW.FCPF.PT

De hoje não passa! Mais do que uma frase de circunstância, esta tem que ser a força de vontade de todos os pacenses que estão na Mata Real. A começar pelos atletas que entram em campo, porque a enorme história do FC Paços de Ferreira não se coaduna com este jejum vitorioso sem igual no seu ilustre percurso na I Liga. É hora de vencer e, por ironia do destino, um adversário que foi o último a tombar no nosso Estádio. Desde esse dia 9 de abril que não mais saboreamos um triunfo e a malapata tem que acabar, frente a um Marítimo a viver idêntica crise classificativa. Mais do que nunca, hoje teremos que remar todos no sentido da baliza adversária para que os golos surjam e os três pontos fiquem cá.

Esta será a primeira partida em que o novo treinador do Paços vai orientar a equipa no Estádio Capital do Móvel. Uma estreia que nos faz recuar duas décadas para relembrar as muitas tardes de glória que o mister José Mota nos proporcionou ao comando da equipa. Catorze anos depois de ter saído da Mata Real, está de regresso para cumprir mais um desafio difícil, como quase todos os que teve para ajudar a cimentar o Paços como uma das equipas históricas da I Liga. É desse ADN pacense que estamos a precisar para reverter a situação e quem melhor do que José Mota para incutir a imagem de ambição pela vitória, garra e acreditar sempre até ao fim, de forma a termos uma equipa “à Paços” da qual nos tínhamos afastado muito nos tempos mais recentes. Que a sorte também nos ajude a mudar para a espiral vitoriosa.

Nem de propósito. Ao escrever sobre esta marca identitária veio-me à memória o legado que o convidado de hoje na rubrica «Paços na História» deixou na definição do espírito único do Paços. Pedro Monteiro esteve no primeiro título da II Liga (1990/91) e foi o dono da camisola 2 na estreia pacense na 1ª divisão. Um percurso futebolístico iniciado nos escalões de formação do Clube e que sempre encarnou o espírito guerreiro que conquistou adeptos e intimidou adversários. Para ler o interessante depoimento que lhe foi recolhido pela Sara Alves, tal como a entrevista do presente feita a Tiago Ilori. Um jogador que entrou agora na equipa, procurando recuperar a qualidade de jogo que já o levou a pisar grandes palcos do futebol europeu.

Boas leituras e força Paços!

PAULO GONCALVES
SECRETÁRIO TÉCNICO

TIAGO ILORI**"ESTAMOS TODOS A REMAR PARA O MESMO LADO"**

Nasceu em Inglaterra, onde deu os primeiros passos no futebol, mas foi depois de chegar a Portugal que o "caso" se tornou sério. Fez a formação e a estreia como sénior no Sporting e logo chamou a atenção do Liverpool. Muito se escreveu, na altura, e muito se viveu nos anos seguintes, com experiências não só em Inglaterra, mas também em Espanha e França. Tiago Ilori abre o livro da sua carreira.

De volta aos relvados. Como é que te sentes?

Sinto-me bem. O jogo em Setúbal foi o meu primeiro em seis/sete meses, por isso estou feliz por estar de volta e cada dia sinto-me melhor. Tive alguns problemas físicos na época passada, então fico feliz por não estar com problema algum, e vou trabalhando para conseguir ajudar mais a equipa daqui para a frente.

Não é fácil lidar com tanto tempo sem jogar.

Foi uma grande paragem, mas não tive o tempo todo lesionado. Tive duas ou três recaídas de uma lesão relativamente simples, e depois juntaram-se as férias e o tempo em que cheguei a Paços, mas não estava bem fisicamente por ter estado parado. De qualquer forma, nunca é fácil. Mas também já tenho alguma idade e já passei por algumas coisas que me fazem lidar melhor com isso. Há altos e baixos, mas tenho de me focar no dia a dia e fazer o máximo para estar sempre mais próximo do objetivo.

**Coletivamente, este está a ser um período mais complicado. Como está o grupo?**

O grupo está unido. Não está satisfeito com os resultados, claramente. Ninguém está. Mas nós estamos a trabalhar para mudar isso e acredito que os frutos desse trabalho vão aparecer. Esperamos que seja já esta sexta-feira. Estamos a trabalhar bem, o mister está a transmitir as ideias dele e estamos num bom caminho para dar a volta.

O que é que tem faltado?

Acho que se eu ou qualquer um de nós soubesse – ou se fosse tão simples quanto isso – já teria mudado. É uma conjugação de fatores, diria. Na verdade, a responsabilidade cai em cima de nós e não fugimos dela. Temos de fazer mais, de ser mais inteligentes em alguns períodos do jogo, e quando conseguirmos fazer isso de uma forma coletiva, com o trabalho que temos feito, vamos ultrapassar esta situação.

**BRITO**

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972

4 ENTREVISTA *tiago ilorj*

Recentemente, houve mudança de equipa técnica. O que trouxe o mister José Mota?

Tem uma personalidade e uma forma de transmitir as ideias diferentes. Eu acho que há sempre uma fase inicial que os jogadores, inconscientemente, sentem – uma estaca zero. Toda a gente sente-se ‘de igual’, porque há momentos durante uma época em que um jogador pode estar muito bem, mas outro, dentro do mesmo grupo, pode não estar. É natural. Não é que se esforcem mais, mas acho que se nota ali uma espécie de recomeço. O mister José Mota traz uma experiência diferente. Ele conhece o Paços como ninguém, está a tentar simplificar as ideias para que não haja buracos ou mal-entendidos na forma como estamos a defender ou a atacar – e eu acho que as bases são sempre muito importantes, mas ainda mais em alturas em que as coisas não estão a correr tão bem. Ele está a tentar que simplifiquemos o jogo de uma forma que, com repetição, vai levar-nos ao êxito em campo.

O facto de o mister conhecer tão bem o Paços é uma mais-valia?

Acho que pode ser. Chegar alguém que já tem história no clube, na fase em que estamos, pode ser importante. Eu limito-me a fazer o meu trabalho, que é ouvir e tentar fazer aquilo que é pedido com o máximo que puder. Mas, sim, tanto a equipa recebeu bem o

técnico José Mota, como o mister recebeu bem a equipa. Estamos a remar para o mesmo lado e isso é positivo. Só podemos trabalhar, tentar dar o melhor de nós e tentar identificar, todos juntos, quais são os pontos fracos a melhorar para dar a volta a isto.

Falemos da tua chegada. Porquê o Paços?

Sentei-me com pessoas da minha confiança, o meu pai, o meu empresário, falei com mais familiares e amigos, e toda a gente que me conhecia e conhecia a fase em que eu estava sentia que eu precisava de um treinador que confiasse em mim e de um sítio que pode dar estabilidade e espaço para crescer; onde posso ser útil, onde posso ajudar, e onde também possa ser ajudado. O Sérgio Oliveira, por exemplo, falou-me muito, muito bem do Paços. Eu também já conhecia um pouco, por conversas, e na altura o mister César era o treinador, confiava muito em mim, gostava da forma que a equipa queria jogar, e toda a gente no clube foi muito honesta e disponível. Senti uma boa vibe. [Risos] Acho que é importante para mim, porque vinha de uma fase menos positiva e precisava do sítio ideal.

Surpreendeu-te aquilo que encontraste?

Não sou facilmente surpreendido, porque também já vinha com boas expectativas. Vinha com

a minha família, então tinha de saber para onde ia. São decisões importantes na nossa vida. O que é certo é que pela negativa nada me surpreendeu de certeza, muito pelo contrário. Além disso, já me tinha cruzado com várias pessoas deste grupo, mas nem tinha essa noção quando cheguei. É um grupo unido, e, estando numa fase melhor, vai mostrar qualidade muito acima da média e a verdadeira cara e personalidade que tem – porque acho que temos tudo para melhorar.

Vamos ao início de tudo. Como é que começou a tua caminhada no futebol?

O início mesmo não me lembro. [Risos] Sempre tive uma bola aos pés, segundo me dizem, mas as minhas memórias mais antigas são ainda de Inglaterra. Comecei por lá com amigos, num parque, na rua ao pé de casa, e depois fomo-nos juntando e fizemos uma miniequipa. Organizavam-se jogos, participávamos em torneios. Na altura, pelo menos onde eu morava, não tinham equipas para jogadores com cinco/seis/sete anos. Não havia aquilo de ter três ou quatro treinos por semana com uma equipa, com o mesmo treinador. Pelo menos eu não participei nisso. Depois vim para Portugal – muito de repente – e juntei-me logo a uma equipa onde eu morava, em Albufeira.

E depois surgiu o Sporting.

franciscoj.dias
mobiliário



"ACREDITO QUE AINDA VAMOS DAR MUITAS ALEGRIAS ESTE ANO"

Foi a jogar em Albufeira que o Sporting me viu pela primeira vez. Ainda era muito novo, então, inicialmente, ia só aos jogos ao fim de semana e treinava onde morava. Eu e um colega meu fazíamos a viagem no sábado, jogávamos, e voltávamos no mesmo dia. Entretanto, mais para a frente, os meus irmãos mais velhos já estavam numa fase em que se preparavam para entrar na faculdade, e os meus pais pensaram que seria melhor mudarmo-nos para Lisboa: eu estaria mais perto do Sporting, treinava com eles; a minha irmã teria mais opções para a faculdade em Lisboa, e o meu irmão, que no ano seguinte ia para a faculdade, também.

Tinhas que idade?

Treze. Aos quinze mudei-me para a Academia de Alcochete e essa foi das melhores fases! Ali só respiras futebol. Comes, dormes e jogas futebol. [Risos] Estou a brincar, tínhamos escola também. Mas naquela idade não entendemos a importância que ela pode ter.

Morares no Algarve e ires para Lisboa só para jogar, ainda muito novo, era fácil?

Não me lembro de sentir que fosse difícil. Para mim, o mais complicado era o facto de não falar português. Chegava lá e não falava para ninguém. Mas, tirando isso, a viagem fazia-se bem. Dormia no carro. [Risos] Não era o ideal, claro – eu vinha de uma viagem de três horas ou mais para jogar e os outros não –, mas naquela idade o mais importante nem é ganhar, é estarmos a aprender.

Pois é, tiveste de aprender português...

Fui aprendendo, mas só melhorou bastante quando entrei na escola portuguesa – que só aconteceu quando mudei para a Academia. Até lá, estudava em inglês. O mais complicado era mesmo a escola. Mas, estando a viver na Academia, só falava português e comecei a apanhar as coisas. Eu já falava, mas falava mal. E até falares mesmo bem, há ali uma fase em que não se apanham piadas, histórias. Muitas vezes percebes as palavras, mas não a lógica da conversa ou o contexto. Se eu estivesse aqui sentado a ter uma conversa contigo, percebia-te e tu ias perceber-me, mas se estivéssemos num grupo eu não apanhava nada. [Risos] E aprendi na Academia, porque era obrigatório. Estávamos

MCOUTINHO



sempre em grupos, dentro da mesma geração, comecei a ganhar mais confiança com eles, a falar mais com eles... E quando aprendi a falar português como deve ser, já me conseguia expressar e tenho agora amigos para a vida daquela altura.

E lá seguiste a tua formação até chegares à equipa sénior – pela qual te estreias em 2011/2012. Sonho realizado?

Já treinava com a equipa A há uns meses, mas quando fui chamado estava com a seleção sub-18, no Porto – porque não jogava pela equipa principal e isto não foi numa daquelas paragens para as seleções. Ou seja, não estava a contar com isso. Até que houve uma mudança na convocatória do Sporting e ligaram-me à noite: “Olha, alguém vai buscar-te, porque amanhã vais jogar”. Foi assim. [Risos] Não tive muito tempo para processar nem para me preparar. Foi muito de repente, mas foi incrível. Lembro-me perfeitamente da primeira parte. Só queria que acabasse.

Estavas nervoso?

Estava muito nervoso! Fui titular nesse jogo, foi logo uma estreia a bombar. [Risos] Sou sincero: não tinha uma grande maturidade emocional. Era muito miúdo. Mas não correu mal. Adorei... mas quando acabou! [Risos] Não me lembro de metade do que aconteceu durante o jogo, porque aquilo é tudo muito automático. A partir do momento em que se ouve o apito, filtra-se muita coisa – mas vi depois o jogo em casa várias vezes. E foi bom, muito bom. Eu tenho é pena porque, como dizes, foi um sonho, mas foi curto. Sai rápido do clube.

Fica a sensação de que podia ter sido diferente?

Se pudermos reescrever a história, queremos sempre mudar alguma coisa. Mas, no geral, estou muito feliz. Consegui o objetivo principal e tive o privilégio de jogar no Sporting, principalmente com aquela idade. Vim de Inglaterra não tendo clube português, porque o meu pai – que era quem me influenciava em termos de futebol – não é português, nem via futebol português. Quando nos mudamos para cá, o meu avô é que de certa forma me impingiu o Sporting. [Risos] Tornei-me sportinguista. Também passei lá 15 anos e continuo ligado ao clube.

Então para o teu avô foi uma alegria quando foste para lá.

Quando fui para lá, quando joguei, quando regresssei. Mas também foi um desgosto quando saí. [Risos] Ele não ficou muito contente quando eu saí, essa é a verdade.

Contigo ou com o clube?

Para ser sincero, não ficou contente comigo. A ideia do que se passou foi

LFM

aquilo que ele leu. Mas depois falou comigo, passado um bom tempo... [Risos] Também não somos de falar ao telemóvel, por isso, como eu já estava em Inglaterra e não consegui estar com ele antes de ir, foi depois. Quase um ano. E o tempo também cura tudo.

Como disseste há pouco, foi tudo muito rápido. Duas épocas depois da estreia, surge o Liverpool. Como é que foi abraçar esse projeto?

Na época a seguir à da estreia, joguei com mais frequência até ao final. E houve o interesse do Liverpool. Tinha alguns clubes interessados – tinha 19 anos, jogava no Sporting, então era natural. Nunca tive receio de sair do meu país e da minha zona de conforto, e também não tinha pressa para sair do Sporting. Mas quando percebi que ia sair ou tinha de ter isso como opção, escolhi o Liverpool pela forma como me abordaram. Falei com eles, fiz perguntas sinceras ao treinador e ele respondeu-me de uma forma que me deixou mais confortável. Senti que queriam ajudar-me a crescer, queriam apostar em mim, tinham um plano. É engraçado, porque a minha avó paterna é do Manchester, o maior rival do Liverpool.

Ou seja, ao contrário do que aconteceu com o teu avô quando foste para o Sporting, a tua avó não deve ter achado muita graça.

A minha avó era mesmo da cidade de Manchester. Durante a minha vida toda, viveu em Londres, mas nasceu lá, então gostava mesmo. Mas gostava mais de mim. [Risos] Conseguia dividir as coisas. Mas, sim, tentei fazer a escolha certa nesse sentido – vendo o que seria melhor para a minha carreira, onde é que eu poderia crescer mais para atingir um nível bom. E foi muito rápido. Pelo menos essa altura parece-me um bocado desfocada. Mas foi interessante. Olhando para trás, foi muito interessante.

Na altura foi uma transferência mediática. Como lidaste com isso? Assustava-te?

Nunca gostei de entrevistas. Evitava sempre, mas

não me assustava. Preferia passar o tempo com a minha família e amigos. Penso que não lidei da melhor forma, mas não foi por medo. A pressão existe sempre, mas numa altura dessas a confiança está em altas. Com 19 anos, não tinha a mesma noção de hoje, mas acho que não me afetou pela negativa. Fazia coisas diferentes se fosse agora, só devido à maturidade e tendo em conta aquilo que eu sei hoje. Mas acho que não fiz nada de mal. Houve uma ou outra coisa: não me defendi quando saí do Sporting – pois houve ali muita coisa que foi dita que não correspondia à verdade. Não me defendi, porque achei que não tinha de dar justificações a ninguém.

Só ao teu avô.

E mesmo assim foi a minha mãe que deu, porque só falamos mais tarde. Mas só ao meu avô, sim. E eu acho que não tenho de dar justificações, a verdade é essa. Hoje sei que valia a pena ter feito, mas não é a minha obrigação. Quando cheguei a Liverpool, não era arrogante, rebelde, ou pouco profissional, mas não tinha noção de muitas coisas e havia certos aspetos em termos de trabalho que eu fazia de forma diferente. E pensava muito a curto prazo. Na época em que cheguei, quase ganhamos o campeonato – perdemos o primeiro lugar a umas três jornadas do fim. Estávamos a trabalhar para o título. Então, não sabia lidar com a situação ‘cheguei, estou no banco, e não estou a ter oportunidade para jogar’. Não é que eu não estivesse a conseguir lidar. Eu conseguia. Mas não consegui da forma mais positiva. A forma mais positiva seria trabalhar e estar preparado para quando surgisse a oportunidade. Mas não foi isso que aconteceu. Não deixei de trabalhar, mas a forma como trabalhava era muito inconstante, e havia fases em que sentia que estava bem e outras em que estava menos bem. Estava com muita pressa para jogar. Até que um colega meu me tentou transmitir que não era mau ter essa vontade, mas tinha de perceber a idade. Se calhar foi o melhor conselho que levei para a vida. “Fazes isto assim e assim e nos próximos dois anos podes ser o patrão da defesa”. Só que eu só ouvi “dois anos”, e para mim dois anos era



8 ENTREVISTA *ciaço ilorj*

uma eternidade. Mas, de qualquer forma, foi mais um sonho realizado, por ter nascido em Inglaterra. O meu pai é nigeriano e inglês, viveu a vida toda em Inglaterra, a minha primeira língua é o inglês, então sempre tive uma conexão, principalmente com o futebol. E se é obvio que, mesmo não tendo isso, a maioria das pessoas tem o sonho de jogar em Inglaterra, eu não era diferente.

Ainda passaste por Espanha e França, até regressares de novo a Inglaterra. O que retiraste dessas experiências?

Foram grandes oportunidades. Tenho boas memórias de Espanha. Desfrutei, adorei estar em Granada, adorei a cidade, a equipa e gostei muito dos meus colegas. Tive a oportunidade de jogar contra clubes muito grandes, como o Barcelona, e voltei a sentir-me bem como jogador, porque voltei a jogar. Desde que assiniei pelo Liverpool até janeiro não joguei. Estava sempre no banco, pronto para entrar, mas nós ganhávamos os jogos todos, a equipa não mudava. [Risos] Correu-me bem, apesar de ter ido só no final de janeiro. Depois, quando vou para Bordéus, não aproveitei tanto, honestamente, e arrependo-me. Eu tinha estado em Espanha, fui para a seleção sub-21 logo a seguir, estava a voltar a sentir-me muito bem e interpretei a conversa que tinha tido com o treinador como um “não vais a lado nenhum”. Depois lesionei-me durante a pré-época, não fiz a viagem com a equipa (umas três semanas), e voltei a treinar quando voltaram. Mas, assim muito de repente, o diretor desportivo do Bordéus estava lá para falar comigo. E isso chateou-me um bocadinho, porque parecia que já todos tinham tomado uma decisão que deveria ser minha. Disse que não ia, mas, mais tarde, a minha família também me convenceu a ver as instalações, a falar com o clube, porque eles queriam muito e o Liverpool queria que eu jogasse para crescer. Tentaram mostrar que não era desprezo, nem nada disso. Hoje sei que não era, mas na altura não entendia e sabotei um bocado aquela fase. Não de propósito, mas hoje, olhando para trás, vejo que fiz muita coisa errada.

E quando voltas ao Liverpool, depois de uma curta passagem pelo Aston Villa, tens a tua estreia pela equipa principal. Foi em 2015/2016, na FA CUP. Qual foi a sensação?

Foi muito bom. Fui para o Aston Villa, mas o treinador que lá estava saiu uns meses depois e o do Liverpool também, entretanto. Chega o Klopp e todos os jogadores que estavam emprestados e pudessem voltar foram chamados. Eu fui um deles. Voltei e passados dois ou três dias joguei na taça. Correu-me bem, até. [Risos] Foi das alturas mais felizes, porque finalmente estava a conseguir e o feedback foi muito positivo.

Mas não chegaste a fazer a estreia na Premier League. É o que fica a faltar?

Fica. São coisas que acontecem. Estava a sentir que estava com um pé dentro, que as coisas estavam a correr bem, e depois há algo que acontece e percebo que não ia ter mais oportunidades. Acabou a época, disse que queria sair, e em janeiro saio para o Reading. E um dos maiores fatores para escolher o Reading foi o treinador, Jaap Stam – uma lenda do Manchester United, o clube da minha avó, que foi central. Provavelmente um dos melhores centrais da história do futebol. Pensei que seria bom estar com alguém assim.

O Reading jogava o Championship. Apesar de ser o segundo escalão de Inglaterra, confirma-se que é um “mundo à parte”, comparado com algumas divisões principais?

Eu tinha essa noção, mas não tanto como quem cresceu e viveu sempre em Inglaterra. Quando estava para sair do Liverpool, vi as opções e inicialmente pensei “É segunda divisão. Se puder ir para a primeira divisão de qualquer país, será melhor”. Mas depois fui aconselhado a ir para lá. Gostei da ideia, mais pelo treinador, mas não conhecia tão bem a realidade do Championship. É, realmente, muito competitivo. Tem muitas equipas. E os estádios não estão todos cheios, mas há estádios que estão sempre cheios. Provavelmente, o estádio



DEVEESA'
COMBUSTÍVEIS

com menos adeptos em casa tinha umas 15.000 pessoas. E depois havia estádios com 30, 40 e 50 mil. Gostei muito de estar lá. Na primeira época, íamos subindo. Chegamos à final, mas perdemos em penalties, o que foi muito triste. Mais tarde, tive a oportunidade voltar ao Sporting.

Foste também presença assídua nos escalões de base da seleção. Tens participações em Europeus, Mundiais, Jogos Olímpicos... Que momento destacas?

O Europeu Sub-21, porque foi numa altura em que me sentia bem, estava numa boa fase – a nossa equipa estava toda numa boa fase. [Risos] Custou um bocado, porque podíamos ter ganho [derrota na final, através das grandes penalidades]. É a única coisa. Mas estivemos muito bem, o grupo era muito forte, e tenho memórias espetaculares dessa altura.

Olhando para trás, o que é que gostarias que tivesse sido diferente?

Sou quem sou hoje por causa das experiências que tive. Tento não pensar nisso. [Risos] Não mudava nada. Fiz o que tinha de ser feito. Tomei as decisões, mas as decisões estavam lá para serem tomadas. Aconteceu como tinha de acontecer.

Olhando para o futuro, o que esperas que ainda aconteça?

Ainda tenho objetivos, como é obvio, mas levo as coisas dia após dia. E agora o único pensamento que tenho é chegar a sexta-feira para ganhar ao Marítimo. Agora, o único pensamento que eu tenho é o Paços. Sem dúvida! Aprendi que tudo funciona melhor assim. Podes ter um objetivo distante, mas foca nas coisas que podes fazer no dia a dia. Por isso espero conseguir ajudar a equipa nos seus objetivos, este ano.

Mensagem para os adeptos.

Continuem a apoiar-nos. Nós sabemos, sentimos e sofremos como eles, com os resultados negativos que temos tido, mas estamos a trabalhar. Não há grande coisa que possamos dizer, mas a verdade é que estamos mesmo a trabalhar para isso mudar. Ninguém quer ser considerado mau jogador. Eu quero ter o melhor sucesso possível. Não erro propositadamente. E, na verdade, nós estamos a tentar. É uma fase complicada, mas há muita coisa positiva que tem acontecido e é um click que pode mudar tudo do dia para a noite. Acreditamos em nós e acreditamos que ainda vamos dar muitas alegrias este ano.





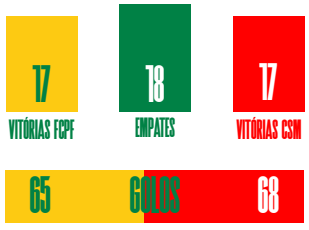
ADVERSÁRIO DE HOJE
CS MARÍTIMO
FUNDAÇÃO: 20 DE SETEMBRO DE 1970
PRESIDENTE: RUI FONTES
TREINADOR: JOÃO HENRIQUES
ESTÁDIO: ESTÁDIO DO MARÍTIMO
LOTAÇÃO: 7060 LUGARES



O FC Paços de Ferreira continua em busca da primeira vitória no campeonato, e tem esta noite um teste de fogo frente ao CS Marítimo – que também não regista ainda qualquer triunfo. Vencer é imperativo para começar a escalar a tabela e abandonar os lugares de despromoção o mais depressa possível. Que venham os três pontos!

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

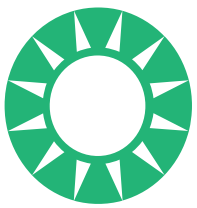
52 JOGOS



“Igualdade” não descreve só a situação pontual das duas equipas, neste momento – já que também se pode referir ao confronto direto. FC Paços de Ferreira e CS Marítimo somam 52 encontros oficiais e registam 17 vitórias cada um, além dos 18 empates. Contudo, na Mata Real, a vantagem é mesmo pacense: 13 vitórias, dez empates e apenas quatro derrotas. O primeiro desafio foi em 1983/1984, nos 32 avos de final da Taça de Portugal, e resultou no triunfo dos Castores por duas bolas a uma, com golos de Jorge Silva e Daniel Martins. Leonardo Teixeira marcou pelos madeirenses.



CURIOSIDADE



SOLVERDE.PT



16 março 2008. Foi neste dia que JOSÉ MOTA venceu pela última vez um jogo ao comando do Paços no Estádio Capital do Móvel (2-1 frente ao Vitória FC).

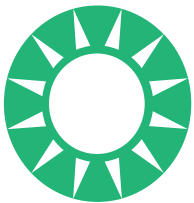
GUARDA-REDES	DEFESA	MÉDIOS	AVANÇADOS
JORDI 1	NUNO LIMA 3	JORDAN 6	NIGEL THOMAS 7
JOSÉ OLIVEIRA 24	PEDRO GANCHAS 4	ABRÁS 8	WILTON 9
IGOR VEKIC 88	ANTUNES 5	NICO GAITAN 10	KAYKY 11
	DELGAUDO 15	BASTIEN TOMA 14	ARTHUR SALES 13
	LUIS BASTOS 20	WACHOI 16	ADRIAN BUTZKE 17
	JORGE SILVA 21	LUIZ CARLOS 22	N'ORI KOFEI 19
	ERICK FERREIRA 23	ROÍ PIRES 26	MAURO COUTO 41
	VIGARIO 27		
	FERNANDO FONSECA 29		
	FLAVIO RAMOS 32		
	VASCO SOUSA 33		
	TIAGO ILORI 34		
DEFESA	MÉDIOS	AVANÇADOS	
1 MIGUEL SILVA	1 RAFAEL BRITO	1 ANDRÉ VIDIGAL	
11 MATIUS TRMAL	1 JOEL SOMBRA	8 PABLO MORENO	
13 BRUNO MIGUEL	10 BELTRAME	11 JESUS RAMIREZ	
14 VÍTOR EDES	13 BERNARDO GOMES	15 EDGAR COSTA	
	16 DIOGO MENDES	16 CLESTO BAUQUE	
	17 MIGUEL SOUSA	17 CARLOS LIZA	
	18 MATHEUS COSTA	18 GUY CATANO	
	19 ZAINADINE	19 JOEL TAGUEU	
	20 GONCALO CAROOSO	20 CARLOS EDUARDO	
	21 FABIO CHINA		
	22 LEO ANDRADE		
	24 VÍTOR COSTA		



JOÃO HENRIQUES teve uma breve passagem pelo Paços. Em 16 jogos com treinador venceu apenas quatro.

O ÚLTIMO JOGO DO CS MARÍTIMO

Na jornada 10 da Liga Portugal Bwin, o CS Marítimo empatou com o FC Arouca, somando assim o segundo ponto – e segundo empate consecutivo – no campeonato. A equipa verde-rubra esteve em vantagem no marcador, após o golo de André Vidigal aos 13 minutos, mas cedeu a igualdade ainda na primeira parte (43'), com Antony Alves a garantir a divisão de pontos. João Henriques fez alinhar o seguinte «onze»: Matous Trmal, Zainadine Júnior, Matheus Costa, Léo Andrade, Cláudio Winck, Stefano Beltrame, Diogo Mendes, Vítor Costa, Bruno Xadas, Joel Tagueu e André Vidigal.



SOLVERDE.PT

PEDRO MONTEIRO

Poucos são aqueles que, ao longo das suas carreiras, se podem orgulhar de ter representado o clube do seu coração. E ainda menos são os que têm a honra de ver o seu nome escrito em páginas de extrema importância da história desse mesmo clube. É, contudo, neste reduzido segundo leque que encontramos Pedro Monteiro – o destaque deste “Paços na História”.

“Era guerreiro, possante, nunca desistia. Eles diziam que era muito agressivo e tinha muita força, mas a minha humildade, a minha entrega e o meu querer, juntamente com o trabalho de equipa, é que me levaram a fazer grandes épocas aqui no Paços. Entregava-me aos jogos e aos treinos sempre no limite”. Assim se descreve Pedro Monteiro, sendo estes também [pode dizer-se] os requisitos essenciais para que os jogadores da época ficassem logo vistos como peças-chave do “Jogar à Paços”.

Natural de Lousada, Pedro Monteiro chegou à Mata Real ainda como Juvenil. Após a etapa seguinte nos Juniores, chegou aos Seniores e – como não poderia deixar de ser – a satisfação foi muito grande. “Já era quando só íamos treinar com o plantel”, conta. A subida aos Seniores era, portanto, um gosto, um privilégio, um objetivo. “O Paços já tinha, naquele tempo, uma história muito boa. Era um passo importante para nós e para mim era a meta principal, porque sempre quis ser jogador profissional”, acrescenta. A transição não foi difícil, graças à boa receção dos colegas – muitos deles da terra – que sabiam como cativar os miúdos e pôr todos à vontade: “Claro que havia aspetos em que se notava que tínhamos de melhorar muito, coisas do futebol, mas eles receberam-me bem. Também tive a sorte de começar a estar sempre no lote de convocados, de entrar, e fui assumindo e conquistando o meu espaço”. O facto de ter subido juntamente com mais três jovens da formação, José Ferreira, Marinho e Sousa, igualmente contribuiu para uma melhor adaptação: “A amizade já vinha de trás. Ali éramos bons amigos, tal como agora, e quando tínhamos de nos apoiar uns aos outros, lá estávamos nós”.

Integra os quadros do futebol profissional do FC Paços de Ferreira em 1985/1986, passa pelo susto de uma descida – com uma “equipa muito jovem” – que não se efetivou devido a um alargamento, em 1986/1987, e é depois uma figura ativa na luta pela desejada subida à Primeira Divisão. Coisa que acontece, como tão bem se sabe, em 1990/1991.



FIXPAÇOS
fixing solutions

“Fizemos um campeonato acima da média e não era fácil conseguirem ganhar-nos. Havia equipas que, teoricamente, eram superiores, mas a nossa entrega, o trabalho, a dedicação, o grupo fantástico e unido que tínhamos... Lembro-me que o primeiro jogo foi no Barreirense. Estávamos a perder 2-0 e empatamos mesmo na parte final. Muitos adeptos até pensavam que tínhamos perdido, nem acreditavam. Houve também o jogo em casa com a Académica, que ganhamos com um golo em cima dos 90'. Foi ali uma série de jogos que nos deu muito alento para o resto da época. Se no início o objetivo era a manutenção, depois começamos a ver que era possível subir”. Esta temporada de ouro ficou até conhecida como a dos pontos conquistados sobre a hora, e serviu também como prova de que os jogos só acabam mesmo quando soa o apito. “Depois já ninguém arredava pé”, sorri.



Atualmente, encontrar o FC Paços de Ferreira no principal escalão do futebol português é já visto com naturalidade. No entanto, naquela época, esse era um feito imaginado por poucos: “E é que, além da subida, conquistamos o título! Lembro-me tão bem. Parece que estou a ver, aqui e agora, todos nós pelo centro da cidade, nas carroças, a festejar com o nosso público. Foi um dia memorável. Inesquecível!” E assim foi também o ano de estreia na Primeira Divisão Nacional. Na Mata Real, por exemplo, os Castores empataram com o Benfica, venceram o Sporting e souberam bater-se frente ao Porto, apesar de não terem conquistado pontos. “Não era fácil passarem-nos em casa. O início foi complicado, lembro-me que tivemos uma certa dificuldade, mas andamos sempre fora da linha de água e fomos ganhando experiência – que não existia muita de primeira divisão. Só tínhamos três ou quatro jogadores que já nela tinham jogado”, revela. As diferenças para a Divisão de Honra também se faziam sentir, fosse a nível tático, físico ou pelas movimentações, e os próprios atletas, por vezes, diziam que parecia que entravam a tremer contra algumas das equipas com outro tipo de argumentos, mas, como disse, “a experiência foi adquirida. O grande objetivo foi conseguido – a manutenção – e a partir daí o Paços começou a crescer muito. Agora, olhamos à nossa volta e vemos isto. É um clube de Primeira Liga”.

Norte Car

automóveis

14 PAÇOS NA HISTÓRIA

Voltemos um bocadinho atrás. “Não era fácil passarem-nos aqui em casa”, disse Pedro Monteiro. Mas, afinal, qual era o segredo? “Além da nossa qualidade, a massa associativa fazia muita diferença. O campo estava sempre cheio, e como a bancada ficava junto ao relvado dava-nos uma força muito grande. Era extraordinário jogar aqui”. Resposta pronta. “Sabíamos que eles estavam connosco e nós também fazíamos de tudo para os conquistar com resultados, com exibições e com entrega. Quando precisávamos deles, eles estavam presentes. Por isso é que dizíamos que tínhamos uma mística diferente da dos outros. Era a gente humilde que caracterizava o Paços de Ferreira”. Nem interditando o estádio – como chegou a acontecer em 1988/1989, depois de uma forte contestação à atuação de Jorge Coroado, levando a equipa a jogar no campo do CCR Raimonda – essa mística se perdia. “Até nos demos bem, ganhamos dois jogos. Sentimo-nos como se fosse em casa. Os adeptos apareceram e como aquilo era pequenino, acolhedor, dava-nos muita força. Tiraram a Mata Real, mas não tiraram a massa associativa. Era um orgulho para nós”. E desengane-se quem pensa que a mancha amarela só se fazia sentir nos jogos em casa – pelo contrário. Fosse onde fosse, os atletas pacenses sabiam que iam ter uma enorme onda de apoio: “Os adeptos eram fantásticos e viviam intensamente o clube. Mesmo fora! Levavam a merenda e o garrafão atrás e era só Paços, Paços, Paços. São coisas que a gente não esquece, e só mesmo vivendo é que se dá valor”.



Anos mais tarde, em 1993/1994, vivia-se o oposto. Pedro Monteiro não viu escapar a descida à Divisão de Honra. “É a minha maior tristeza. Nunca pensei. Começamos muito bem, andamos nos primeiros lugares, mas depois não conseguimos. Não conseguíamos pontuar. E o nosso último jogo foi uma desilusão...” Não estava no Paços, quando o regresso aconteceu. Pelo menos não enquanto atleta – mas sempre como adepto. Saiu em 1996/1997, teve passagens pelo Freamunde, Vizela, e terminou a carreira profissional no Lousada. Tomar a decisão de “pendurar as botas” custou-lhe muito, mas as circunstâncias mostraram-lhe que o momento tinha chegado. Abriram-se, posteriormente, as portas da carreira como treinador. Carreira essa que tem até hoje, sendo, atualmente, adjunto do técnico Bock, em Marco de Canaveses.

E como é estar do outro lado? “Quando éramos atletas, os treinadores diziam-nos que era difícil e não acreditávamos. Mas agora sou eu que digo aos jovens ‘Enquanto puderem, joguem, joguem, joguem. Joguem e respeitem o treinador, que quer sempre o vosso melhor’. Temos de pensar nos treinos, há outro tipo de pressão, é preciso adaptarmo-nos a vinte e tal mentalidades e feitios... Mas temos a nossa linha, temos de os fazer acreditar que aquele é o caminho a percorrer, e, acima de tudo, é o que a gente diz: a disciplina conquista-se, não se impõe”.

Neste regresso a casa para esta conversa, Pedro Monteiro faz assim um balanço com umas pitadas de



RE/MAX®

nostalgia: “Foram 14 anos de uma vida. Cresci aqui. Tornei-me mais homem, jogador, capitão, e posso dizer que entrei na história. Ver tudo aquilo que o Paços é e tem hoje é um orgulho para mim. Sinto-o, porque sou pacense. É um clube que aprendi a amar e amo”.

FILHO DE PEIXE...

Sabe nadar. Ou jogar, neste caso. Atualmente, Pedro Monteiro vê os filhos seguirem-lhe os passos e não poderia estar mais orgulhoso – e o mais velho, também Pedro Monteiro, é cara conhecida dos adeptos pacenses, já que vestiu as cores do FC Paços de Ferreira em 2016/2017, com uma certa influência do pai. “Sempre quis que os meus filhos jogassem futebol, e eles também. São apaixonados”, diz. E será que os netos vão seguir o mesmo caminho? “Espero que sim, mas que tenham conciliar os estudos com o futebol. Eu continuo a dizer: a melhor profissão do mundo é ser jogador de futebol, cumpri o sonho e este é o meu mundo. Assim como para os meus filhos. Mas ambos deixaram de estudar e eu acho que devia ter forçado mais. Ter uma formação e conciliar as duas coisas é magnífico, porque no final da carreira pode não ser fácil encontrar emprego. Mas tudo vai correr bem”.



LIGA PORTUGAL

THINKING FOOTBALL

SUMMIT 2022

18-20 NOVEMBRO | PORTO – PORTUGAL

SUPER BOCK ARENA – PAVILHÃO ROSA MOTA

A WORLD CLASS FOOTBALL SUMMIT



VAMOS LÁ ESTAR!

**40% DESCONTO PARA SÓCIOS
COM O CÓDIGO TFSPE**

UM REGRESSO À CASA DE PARTIDA

A semana anterior ficou marcada por novas movimentações na equipa técnica do FC Paços de Ferreira. José Mota ocupa agora o lugar deixado por César Peixoto, regressando, assim, a clube e a uma casa que bem conhece, e com o objetivo de devolver aos adeptos o tão estimado “Jogar à Paços”.

No dia 18 de outubro, a direção do FC Paços de Ferreira chegou a acordo com o técnico José Mota para treinar a equipa de futebol profissional do clube. O novo líder do plantel pacense ainda orientou alguns dias da preparação para o confronto em Famalicão, e tem esta noite pela frente o “primeiro” desafio em casa, diante do CS Marítimo – com aspas, não tivesse já percorrido os quatro cantos da Mata Real noutros tempos.

Conhecedor do futebol português, da Primeira Liga e, acima de tudo, do FC Paços de Ferreira. José Mota chegou à Mata Real na temporada 1987/1988 proveniente do Aliados de Lordelo, e vestiu por 172 vezes a camisola pacense enquanto jogador. Em 1997/1998, torna-se treinador-adjunto, até que em 1999/2000, com o Paços na Segunda Liga, assume o cargo de treinador principal à 21ª jornada, iniciando, assim, uma escalada na classificação que só acabou no primeiro lugar e com o consequente título de campeão e regresso ao principal escalão do futebol português.

Entre 1999/2000 e 2007/2008, José Mota foi o homem do leme do FC Paços de Ferreira, registando-se apenas uma breve “pausa” em 2003/2004, quando rumou aos Açores para treinar o CD Santa Clara. De todos os momentos vividos ao longo de 291 jogos, destaque também para a primeira qualificação do clube para as competições europeias (na altura, a Taça UEFA), conseguida na temporada 2006/2007, após um sexto lugar no campeonato.

Depois da sua saída da Capital do Móvel, José Mota treinou muitos outros emblemas portugueses, como Leixões SC, CF “Os Belenenses”, Vitória FC, Gil Vicente FC, CD Feirense, GD Chaves e CD Aves – clube pelo qual conquistou a Taça de Portugal 17/18.

A equipa técnica liderada por José Mota, no FC Paços de Ferreira, é constituída por Paulo Sousa (ex-atleta do clube e agora treinador-adjunto), Cadú (também ex-atleta do clube, que estava integrado no Departamento de Scouting), Tiago Pinheiro (preparador físico) e Tiago Castro (treinador de guarda-redes que já se encontrava em funções com a equipa técnica anterior).





NOVOS CACHECÓIS À VENDA NA LOJA DO CASTOR



Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural

ÚLTIMO JOGO

LIGA PORTUGAL 



2-1



JUNIOR KADILE 20' 23' NIGEL THOMAS
FRANCISCO MOURA 46'

FC FAMILIÇÃO

Luiz Junior, F. Moura, Riccielli, Enea, Penetra, Pele (57' Gustavo Assunção), Colombatto, Z. Youssouf (83' André Simões), Puma Rodriguez (73' Ruben Lima), A. Millam (57' Cadiz) e Junior Kadile (57' Ivo Rodrigues)

FC PAÇOS DE FERREIRA

Vekic, Delgado (70' Fernando), Tiago Ilori, Flávio Ramos, Antunes, Rui Pires, Toma (85' Jorge Silva), Sales (57' Adrian), Uilton, Nigel (70' Kayky) e Koffi.

ESTATÍSTICAS

POSSE DE BOLA



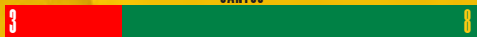
REMATES



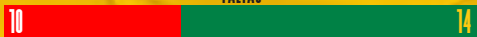
REMATES À BALIZA



CANTOS



FALTAS



TOTAL DE PASSES



PASSES CERTOS



VÊ O QUE A TV NÃO MOSTRA, PELA LENTE DA FCF TV

 **FCPF SIDELINE**

DISPONÍVEL NO CANAL DE YOUTUBE DO FC PAÇOS DE FERREIRA







PaçoPrint
A sua marca
gráfica